

AULA 02

HISTÓRIA DA

FILOSOFIA ANTIGA I

Os primeiros Jônicos
e a questão do
“princípio” de todas
as coisas.



Trácia

Grécia

Mar
Egeu

Asia Menor

Jônia

Mileto

Creta

TALES DE MILETO

O pensador ao qual a tradição atribui o começo da filosofia grega é **Tales**, que viveu em Mileto, na Jônia, provavelmente nas últimas décadas do século VII e na primeira metade do século VI a.C.

Tales foi o iniciador da filosofia da *physis*, pois foi o primeiro a afirmar a existência de um princípio originário único, causa de todas as coisas que existem, sustentando que esse princípio é a água.

Essa proposta é importantíssima, como veremos logo, podendo com boa dose de razão ser qualificada como “a primeira proposta filosófica daquilo que se costuma chamar ‘civilização ocidental’”.

A compreensão exata dessa proposta pode nos fazer entender **a grande revolução operada por Tales**, que levaria à criação da filosofia.

“Princípio” (*arché*) não é um termo de Tales (talvez tenha sido introduzido por seu discípulo Anaximandro, mas alguns pensam numa origem mais tardia), mas é certamente

o termo que indica melhor do
que qualquer outro o conceito
daquele *quid* do qual derivam
todas as coisas.

Como nota Aristóteles em sua exposição sobre o pensamento de Tales e dos primeiros físicos, o “princípio” é “aquilo do qual derivam originariamente e no qual se ultimam todos os seres”, é “uma realidade que permanece

idêntica ao transmutar-se de suas alterações”, ou seja, uma realidade “que continua a existir imutada, mesmo através do processo gerador de todas as coisas”.

Assim, o “princípio “ é: a) a fonte e origem de todas as coisas; b) a foz ou termo último de todas as coisas; c) o sustentáculo permanente que mantém todas as coisas (a “substância”).

Em suma, o “princípio” pode ser definido como aquilo **do qual** provêm, aquilo **no qual** se concluem e aquilo **pelo qual** existem e subsistem todas as coisas.

Os primeiros filósofos denominaram esse princípio com o termo *physis*, que indica natureza, não no sentido moderno do termo, mas **no sentido original de realidade primeira e fundamental,**

ou seja, aquilo que é
fundamental e persistente,
em oposição àquilo que é
secundário, derivado e
transitório.

Assim, os filósofos que, a partir de Tales até o fim do século V a.C., indagaram em torno da *physis* foram denominados “físicos” ou “naturalistas”.

Portanto, somente recuperando a acepção arcaica do termo e captando adequadamente as peculiaridades que a diferenciam da concepção moderna é que será possível entender o horizonte espiritual desses primeiros filósofos.

PRIMEIROS FILÓSOFOS

Filósofo	Cidade	Período	Princípio
Tales	Mileto	624-546	Água
Anaximandro	Mileto	610-547	Apeiron
Anaxímenes	Mileto	588-524	Ar
Heráclito	Éfeso	544-504	Fogo
Pitágoras	Samos	588-500	Limite, número
Parmênides	Eléia	540-470	Racionalidade
Empédocles	Eléia	483-430	Elementos
Demócrito	Abdera	460-370	Materialista
Anaxágoras	Atenas	500-420	Nous

Mas ainda fica por esclarecer o sentido da identificação do “princípio” com a “água” e as suas implicações.

A tradição indireta diz que Tales deduziu essa sua convicção “da constatação de que a nutrição de todas as coisas é úmida”,

de que as sementes e os
germes de todas as coisas “têm
natureza úmida” e de que,
portanto, a secagem total
significa a morte. Assim como a
vida está ligada à umidade e
esta pressupões a água,

então a água é a fonte última da vida e de todas as coisas.

Tudo vem da água, tudo sustenta sua vida com água e tudo acaba em água.

Mas não se deve acreditar que a água de Tales seja o elemento físico-químico que bebemos. A água de Tales deve ser pensada em termos totalizantes, ou seja,

como a physis líquida originária
da qual tudo deriva e da qual
a água que bebemos é
apenas uma manifestação.

ANAXIMANDRO DE MILETO

Provável discípulo de Tales,
Anaximandro nasceu por volta
de fins do século VII a.C. e
morreu no início da segunda
metade do século VI.

Elaborou um tratado **Sobre a natureza**, do qual nos chegou um fragmento. Trata-se do primeiro tratado filosófico do Ocidente e do primeiro escrito grego em prosa.

A nova forma de composição literária tornava-se necessária pelo fato de que o *logos* devia estar livre do vínculo da métrica e do verso para corresponder plenamente às suas próprias instâncias.

Anaximandro foi ainda mais ativo do que Tales na vida política: com efeito, se tem conhecimento de que chegou até a “comandar a colônia que migrou de Mileto para a Apolônia”.

Com Anaximandro, a problemática do princípio se aprofundou: ele sustenta que a água já é algo derivado e que, ao contrário,

o “princípio” (arché) é o infinito, ou seja, **uma natureza (physis) infinita e indefinida** da qual derivam todas as coisas.

O termo usado por Anaximandro é **a-peiron**, que significa **aquilo que é privado de limites**, tanto externos (ou seja, aquilo que é infinito espacialmente e, portanto, quantitativamente)

como internos (ou seja, aquilo que é qualitativamente indeterminado). É precisamente por ser quantitativa e qualitativamente ilimitado é que o princípio-apeiron pode dar origem a todas as coisas, delimitando-se de vários modos.

Esse princípio **abarca e circunda, governa e sustenta tudo**, justamente porque, como delimitação e determinação dele, todas as coisas dele se geram, nele consistindo e sendo.

Esse infinito “parece com o divino, pois é imortal e indestrutível”. Anaximandro não só atribui aos seu princípio as prerrogativas que Homero e a tradição antiga atribuíaam aos deuses, ou seja, a imortalidade

e o poder de governar e sustentar tudo, mas vai ainda além, precisando que a imortalidade do princípio deve ser tal a ponto de não apenas não admitir um fim, mas tampouco um início.

Os deuses antigos não morriam, mas nasciam. Já o divino de Anaximandro, da mesma forma como não morre, também não nasce.

Desse modo, como já se
acenou a propósito de Tales,
de um só golpe é derrubada a
base sobre a qual se erguiam
as teogonias,

ou seja, **as genealogias dos deuses** como entendidas no sentido que as queria a mitologia tradicional dos gregos.

Esses primeiros filósofos pré-socráticos são “naturalistas” no sentido de que não vêem o divino (princípio) como algo diferente do mundo, mas como a essência do mundo.

Em Anaximandro, portanto,
Deus torna-se o princípio, ao
passo que os deuses tornam-se
os mundos, os universos que,
como veremos, são numerosos
– os quais, porém, nascem e
perecem ciclicamente.